



ODE AO POETA

Pego 20 centímetros do meu pau
e enfio no sarau
Eu não sou poeta
Eu não sou poeta!

Pegue a sua métrica
e meça o meu pau
Eu não sou poeta
Eu não sou poeta!

O poeta bebe chá
com o mindinho levantado
O poeta é real?
Ou o poeta é inventado?

Pergunto aos sábios
O poeta é de verdade?
Ou é fruto da vaidade?

Fodam-se as flores
e a beleza idealizada
O poeta não me diz nada
O poeta não vê a guerra cotidiana
O poeta não sabe o preço do arroz e da banana
Matem o poeta antes que se reproduza!
Enforquem o poeta em praça pública!

Maurício Braga

Transcender as vivências,
Vivenciar as demências,
Demenciar existências,
Existenciar resistências.

A estrofe ecoa dia pós dia,
Noite pós noite
Ansiando desvencilhar as correntes
Que nos prendem ao fio do açoite.

Mulher? Passa batom, se arruma com jeito
Se veste direito, se dá o respeito.
E esse cabelo? Seu namorado viu?
Ele curtiu? Você tá sem razão
Com esse seu jeito, esse despeito
Tem namorada, é sapatão.

Aqui foi um caso, de muitos atrasos
Da Manaus atual
Parido sofrido, despido e lido
Pra esse sarrau.
A margem ressurgue,
Um grito que urge
Do meu bodozal.

Trazendo o ponto,
Finalizando me atrevo
De direita em mim,
Só a mão que escrevo.

Eu não tenho nada mais caro que minha vida

Eu esse homem desprovido de alvoroço sou poeta contador um mentiroso. Saudoso pelos caminhos que não vivi, em tempos que dificilmente existiram.

Tempo de homens sérios, clérigos e heróis de guerra.

Tempo de mulheres tão belas que se vestiam de sereias.

Eu, o homem que via pela janela o finito do céu e a grandeza da rua, sou o homem das histórias inventadas, das vitórias plagiadas e das derrotas embelezadas.

Tudo que deixo ao meu filho é nada

Que ele faça bom proveito de tudo isso.

Yama Talita

Bruno Bonates

QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTÁRIA...

"Quando a educação não é libertária, o sonho do oprimido é tornar-se o opressor", digo eu, finalizando uma discussão sobre a realidade precária da educação brasileira. O professor e os demais alunos ficam impressionados. Todos aplaudem. Eu já esperava por isso. Paulo Freire é tiro e queda.

Três batidas na porta interrompem os aplausos. Ela abre. De repente, um cheiro horrível que lembra cola de sapateiro e bicho morto toma conta do recinto. O ar condicionado se encarrega de espalhá-lo por todo o ambiente. Entra, na sala de aula, um moleque.

Vai caminhando até ficar no centro da lousa branca. Enquanto caminha, as havaianas finas que carregam seus pés pretos vão deixando pegadas na cerâmica do chão. Está encharcado de suor. A água que escorre do seu corpo é escura como a de um bodozal e ensopa a camisa cinza encardida que, de tão larga, parece uma sacola. A bermuda preta que vai abaixo dos joelhos tem um rasgo no meio das pernas. Observando atentamente, dá pra ver que o moleque não usa cueca. Através do rasgo, dá pra ver o seu pau ferido. Cheira-cola. Vai pedir dinheiro pra se drogar.

Todos ficam em silêncio. Ele dá um tempo antes de começar a falar. Enquanto se prepara, seus olhos miram os pertences dos alunos despreocupadamente postos em cima das carteiras. Quando ele olha

para o meu Galaxy na minha mão, meus olhos arregalam de medo. Engulo seco. Minhas mãos começam a tremer.

Olho pros outros alunos. Ninguém demonstra medo. Ele não vai assaltar ninguém. Coloco o smartphone em cima da mesa e começo a soprar e a esfregar as mãos como se estivesse com frio pra disfarçar a tremedeira. Fico desconfortável com a situação. Temo que alguém tenha percebido o meu medo. Não tenho preconceito. Sei que não é porque o menino é pobre que ele vai me roubar. Mas não consigo evitar que meu coração bata mais forte.

Ele começa a fala com um pedido de desculpas por estar atrapalhando os nossos estudos. Então, conta uma história. Está desempregado, não tem família na cidade e a esposa tá grávida. Tá devendo três meses de aluguel e o dono da kitnet onde moram quer despejá-los. Está sem comer desde ontem e, provavelmente, não vai comer hoje. Quer inteirar duzentos reais pra pagar, pelo menos, um mês de aluguel e contar com a piedade do dono do quarto pra não parar na rua. A tristeza que coloca na voz pra falar isso não parece autêntica. É um péssimo fingidor.

Quando termina de falar, todos permanecem em silêncio olhando para ele. O cenho do moleque franze. Ele, então, começa a implorar que o ajudem. Diz que nunca roubou e que prefere pedir do que entrar no crime. Um rapaz da frente tira umas moedas do bolso e dá ao pedinte. O professor tira dois reais e faz o mesmo. Ele torna a

implorar. Diz que a vida é como uma roda gigante, que um dia você tá por cima, noutra por baixo, que, um dia, vai sair daquela vida e que, amanhã, um de nós pode estar naquela situação.

Examino mentalmente meu bolso. Não tenho trocado. A menor nota que tenho é de dez reais. Não posso dar tanto dinheiro assim pra alguém que está fingindo. Ele se ajoelha no chão e implora mais uma vez. Por favor, gente. Por favor, gente. Enquanto finge que implora, seus olhos miram novamente os pertences dos alunos. Ninguém reage. A irritação, então, toma conta do seu semblante. Fala que deus abençoe vocês e sai da sala batendo a porta.

Viram como ele olhava para as nossas coisas? Estava vendo a hora de ele roubar alguém. Como podem deixar um sujeito daquele entrar num ambiente acadêmico?! Que absurdo! Comenta o professor. Os porteiros precisam começar a trabalhar. Não é porque a universidade é pública que qualquer um pode entrar. Os alunos, os professores e os técnicos ficam vulneráveis com isso. Acrescenta um aluno. Ainda ficou puto. Vai trabalhar! Complementa outro.

Na saída da faculdade, dois caras esmurram o menino. Esse filho da puta tentou roubar o celular da minha namorada, fala um deles. De dentro, os alunos ficam olhando assustados, mas ninguém interfere. Na rua, umas pessoas passam virando a cara para a cena. O professor, saindo do prédio, reconhece os alunos e pede que parem com a

pancadaria. Não façam isso com o menino. Chamem a polícia. E entra no seu Ecosport. Os socos fazem barulho. Não há dó.

Cascaes Lopes

NASCIMENTO DE UM SANTO

No início, só havia escuridão. Era confortável e aconchegante. Lá, não era necessário pensar sobre bombas nucleares e guerras bacteriológicas, ou mesmo sobre aflições cotidianas e banais. Só havia o escuro. E assim, tudo o que Ângela precisava fazer era permanecer na mesma posição, se alimentando do corpo da mãe como um parasita. Contudo, uma hora o corpo hospedeiro precisa expelir o parasita. Então, na noite de 15 de Setembro de 2017, a escuridão foi interrompida, pois era a hora de dar à luz.

Quando Ângela saiu pelo caminho estreito, ouviu-se um grito de pavor. Porém, não era o grito dela. O grito vinha da boca da sua parteira, Rosa.

Maria, mãe de Ângela, ao ver sua filha recém-nascida, também deu um grito.

Foi preciso que se passasse 50 minutos para que as mulheres pudessem se acalmar. A primeira a falar foi Rosa:

- E agora, Dona Maria? O que a senhora vai fazer? Se o Seu Zé ver isso, é capaz de jogá-la no lixo.

- Ninguém vai jogar minha filha no lixo! Ela é um presente de Deus. Mas te confesso que não sei o que fazer.

- Acho que deveríamos chamar o pastor Lúcio. Isso não é desse mundo.

- Sim, vá chamá-lo, por favor. O pastor é um homem abençoado, ele saberá nos orientar.

Rosa saiu em disparada até a casa de Lúcio, o único pastor evangélico da pequena cidade. Já era tarde, o relógio marcava 3 horas da madrugada, entretanto, Marcos se levantou da cama, onde dormia com sua esposa, e atendeu as súplicas de Rosa. Vestiu um casaco e acompanhou a parteira até a casa de dona Maria para ver a criança que despertou tanto espanto.

Ao chegar ao quarto, palco do parto, se deparou com Ângela dormindo nos braços da mãe. Inicialmente não notou nada anormal na criança, e já estava duvidando da sanidade mental das mulheres quando levantou a recém-nascida com as mãos e arregalou os olhos ao ver aquilo nas costas dela, um par de asas negras.

Lúcio, portador de uma oratória tão invejável, ficou sem palavras. Permaneceu cerca de 10 minutos encarando as asas. Diante da mudez do pastor atônito, Maria rompeu o silêncio:

- E então, pastor? É um milagre, não é?

Lúcio imediatamente saiu do seu estado de transe e bradou:

- Milagre?! Você está louca? Isso não é um milagre! Isso é obra do maligno! Deus não daria asas negras como as de um urubu a ninguém! E Ele jamais faria um milagre no fruto de uma pecadora como você! Tenho absoluta certeza que isso é culpa sua!

Maria desatou a chorar. E o choro abundante dava a impressão que desencadearia um dilúvio sobre a Terra. As lágrimas e soluços foram capazes até mesmo de comover o pastor Lúcio, homem de coração rígido.

- Calma, irmã Maria. Vamos dar um jeito. Ninguém precisa saber.
- Você não vai matar a minha filha e jogá-la no lixo!
- Claro que não, irmã. – Voltou a se irritar – Eu jamais faria uma coisa dessas. Respeite o ungido de Deus! A minha ideia é outra.
- Qual é então?
- É simples. Vamos cortar as asas da menina.
- Você quer decepa-la?
- É a única solução se você quer que ela seja uma criança normal.

Mesmo relutante, Maria acabou aceitando. Pediu para Rosa pegar na cozinha uma faca bem afiada. Quando a parteira trouxe a faca, o próprio Lúcio se encarregou de fazer a remoção das asas. Colocou Ângela de bruços na cama, posicionou a faca nas costas dela, e arrancou as asas. Saiu muito sangue, e o choro da menina fazia coro com o da mãe.

Lúcio saiu daquele lugar com as asas na mão. Andou apressado até a sua casa. Era madrugada, não havia ninguém nas ruas. Ao chegar em casa, contou para sua mulher o que tinha ocorrido e mostrou-lhe as asas. Ela se arrepiou de medo e implorou para o esposo queimar cada pena daquela asa. Mas ele disse que não ia queimar, pelo contrário, iria

guarda-las ali, na sua casa. A mulher passou a noite orando enquanto Lúcio guardava as asas em um lugar seguro no porão.

Lúcio passou a ficar obcecado pelas asas. Todas as noites ele descia ao porão para olhar para elas. Passava as mãos nas penas que se tornavam cada vez mais macias e escuras. A cor era de um preto hipnotizante.

Após uma semana, o pastor percebeu que, mesmo fora de um corpo, as asas cresciam gradativamente.

Após um mês, já estavam enormes. Cada lado possuía 2 metros de comprimento.

À medida que as asas cresciam, a obsessão de Lúcio crescia também. Assim como o ódio que ele sentia por Ângela, por ela ter tido o privilégio de nascer com aquelas belas asas; e ele não tinha dúvidas de que, se as asas não tivessem sido removidas, Ângela estaria voando hoje sobre a sua cabeça e sobre a de todos os mortais. O misto de rancor e inveja chegaram ao auge em dezembro. Foi quando, na véspera do natal, Lúcio decidiu que teria aquelas asas, pois ele sim era uma pessoa digna de tê-las.

Chamou a sua mulher até o porão e disse:

- Amor, eu recebi uma mensagem de Deus. Ele falou comigo.
- A mulher se emocionou e caiu de joelhos perante o marido.
- E o que Ele disse? – perguntou trêmula.

- Ele nos deu uma missão. Ele disse que você precisa costurar aquelas asas em mim. Ele as mandou para mim. A menina foi um mero instrumento para que elas chegassem até mim.

A mulher ficou assustada, mas como era obediente a Deus e ao marido, ela aceitou sem questionar.

Sendo assim, a cirurgia foi feita. A mulher costurou com agulha e linha as asas nas costas de Lúcio. Ele sentiu dores terríveis, mas encarou tudo como um flagelo de purificação divino. Como se ele fosse o próprio Cristo na cruz.

No dia seguinte, a única igreja evangélica da pequena cidade estava lotada para ouvir o culto natalino do pastor Lúcio. Ele entrou na igreja sem camisa, com as asas costuradas na sua costa. E quando todos os fiéis viram aquilo, ninguém duvidou que se tratava de um milagre. Nascia assim, um santo.

Maurício Braga

3X4

Como cê tá?
Cê tá legal?
Como cê vai?
Cê vai também?
Cê tá melhor?
Cê tá em paz?
Tá tudo bem?

E o quê que a gente faz daquela angústia?
Daquela angústia?

Não havia sangue, o corpo estava emborcado no meio da rua, e mais que o farol quebrado do ônibus, era a cara assombrada do motorista que denunciava o que ocorrera. A cena: Um ônibus, uma rua, um corpo.

Morte.

Clara, as mãos com dedos cruzados sobre o peito, a face pálida. Vestida de branco, feito noivinha de cristo. Estava linda, com olhos serrados, parecia dormir. Deitada ficaria para sempre. Doriana a olhava, olhos secos, para sempre secos, eternamente cegos para outro horizonte que não seja o caixão comportando o corpo jovem da filha.

“Eu, aqui, não posso olhar Clara, fico olhando meus sapatos esfarrapados, os da firma, nem tive tempo pra trocar. Chorar, é outra coisa que não posso, tenho de receber os parentes, resolver os problemas da funerária, do cemitério, do transporte... sou motorista...”

Sérgio olhou rapidamente ao redor, encostado na parede da igreja evangélica, a única que recebeu o corpo da filha, sabia que seria ele a dirigir o ônibus para o enterro até o Cemitério Municipal, sim, seria ele

a conduzir aquela caravana que insistia em comer, conversar, rir, enquanto ficava praticamente impossível distinguir a figura da mãe da figura da filha. “Como falam! E Doriana, por que não se move? Toda essa gente barulhenta, tomando conta de tudo, tirando esses dias para se encontrarem, tirarem o atraso de seus assuntos bestas... Nem chorar chora! Fica aí, parada... Só sabe fazer isso, se se mexesse mais talvez... Clara...”

Agora sim, enfim, o sangue aparece, como prevendo a plateia que se aproxima. Espetacular! Lentamente surge, primeiro manchando o branco sujo da roupa que cobria o corpo, depois, se esvaindo suave, preenchendo as frestas nas irregularidades do asfalto. O grupo inicia tímido, tomando volume, um por um se aproximam, pessoas de feições assustadas, jovens com bocas entre abertas, mãos levadas a cabeça emaranham os cabelos, mulheres gritam, mães cobrem os olhos de suas crianças, homens viram a cara, “Vish...”, velhos se benzem...

“É tarde, está morta. Morreu, a anos, e ela ainda não se move... e dia de hoje piora, nem falar fala...”

Doriana, sentada na velha mesa de madeira, três lugares, olhar perdido. A alguns anos atrás acordou tarde por conta de uma enxaqueca, a casa num silêncio perturbador, saiu do quarto foi a sala, ainda mole pelo mal-estar da madrugada, sentou no sofá e ligou a TV. Só queria som, qualquer que fosse. Ficou ali por tempo suficiente para sentir falta da filha, lembrou o toque dos lábios em sua testa enquanto os latejos

não a permitiam dormir, nem ficar totalmente acordada. Caminhando no estreito corredor da casa, parou em frente a porta rosa, olhos postos na frase: Aqui dorme uma princesa. Ela mesma confeccionou aquela placa, aliás, tudo o que ornava o aposento da menina, do bordado das cortinas, as iniciais nos lençóis, coisa fina que aprendeu numa revista de madame na casa da patroa.

Bateu, bateu,

- Clara?

Bateu, bateu, e bateu...

- Clara... Clara, filha?

“Ela não está mais aqui, se foi, somente queria que ela entendesse isso!... Parece que sepultaram a viva e não a morta... Deus que me perdoe! Clara, por quê?”

Logo o terror dos rostos se desfez em fascínio. Parece que pelo brilho que reluzia do sangue, aguçado pela luz amarelada dos postes, parece que pelo simples fato de outro, e não eles, estar ali. Os celulares logo foram sacados dos bolsos, das bolsas, das cuecas, dos sutiãs, todos mirando a cena, multiplicaram-se olhos de carne e de vidro. O rosto pasmo do motorista figurava nos vídeos, junto a arruaça do povo “filho da puta”, “maluco”, “tem de apanhar”, “vamo pegar ele”, “e se fosse tua filha”... O que não caberia naquelas gravações que serviriam, no máximo, para puxar papo nas paradas de ônibus, entretenimento em rodas de conversa casuais, ou, simplesmente, para insistirmos a

nósmesmo que sim, estamos vivos! Não havia espaço para o ser daquele homem que, justonaquele dia, atropelara uma moça, linda moça, bem durante o momento que pensava em...

- Clara, Clara, Clarinha, filha abre pra mim! Eu insisti...

Doriana lhe disse, olhando-o no rosto.

- Para! Não precisa disso agora. Tenho de trabalhar, hoje vou ter de assumir uma linha que nem sei direito o caminho e tu fica querendo me perturbar com assunto passado!

Doriana continuou a olhá-lo, firme:

- Eu vou falar, preciso falar. Tenho de dizer tudo, tudo o que lembro, tudo que ainda posso. E tu vai me ouvir, não dá mais para ficar assim calada, ligar a TV pra fazer zoadae tudo aí, espalhado, ela tá aqui em todo lugar e tu sabe! É por isso que tu só fica aí, olhando pelos lados, saindo cedo pra trabalhar, desde o início, desde que ela ficou esquisita, onde tu tava? Hã? Fazendo a linha! Tenho de dizer tudo, tudo o que lembro, tudo que ainda posso...

Sérgio ergueu-se batendo a cadeira, balançou forte a mesa, derrubando a xícara de café sobre sua calça de um amarelo gema de ovo...

- Puta que pariu! Tô todo sujo! Era isso que tu queria, era isso?..

Enquanto Sérgio tentava se limpar com o guardanapo encardido da pia, Doriana erguendo-se, parou com os olhos presos a cadeira vazia, balbuciou próximo ao marido:

- Foi o que foi, Sérgio... quando eu arrombei a porta, ela tava de braços. Não ver o rosto dela foi a pior parte... Foi o que foi...

As mãos ásperas estancaram em seu movimento de vai e vem. Sérgio mirrou o rosto da mulher, olhos irremediavelmente secos.

- Tinha de limpar tudo, o corte foi no pulso, aí pensei “coloco um vestido de mangas longas, qualquer coisa que cobrisse serviria, ninguém perguntaria no velório...”

Sorriu.

Sérgio se afastou, lento, queria vencer o peso dos pés que o prendiam ao chão a cada palavra de Doriana, queria fugir, ficar surdo, cego, louco... Doriana o abraçou, repentina, pelas costas, cravando as mãos em seu peito.

- Ela não deixou carta, bilhete, nada! Procurei em tudo quanto foi lugar... m mal súbito, desculpa qualquer para os parentes enxeridos... Você sempre no trabalho, nem viu o laudo, nem queria ver o corpo da tua filha, mas sei que tu sabia, sei que tu ainda me culpa... Eute entendo... Não sei se tenho culpa, talvez se tivesse sido mais rápida, talvez...

A enxaqueca,

A TV,

O Silêncio...

Por que não soube entender?... Eu só não sei por que, por que ela tinha... Clara...

Sérgio sentiu o tecido vagabundo da camisa umedecer. Enfim, chorava. Podia chorar.

Desprendendo-se da mulher, pegou novamente o pano da pia, retomando os movimentos de vai e vem sobre a mancha avermelhada que amorteceu o amarelo da farda...

- Uma vez eu perguntei pra um colega de linha o porquê da nossa farda ser dessa cor, ele me disse que um dia tinham dito pra ele que era por que a cor transmitia felicidade.

Sérgio sorriu, alisando a cadeira vazia da filha

- Todo dia passo oito horas sentado, oito horas enfiado nessa roupa que não deixa passarem sequer um fio de vento. Por oito horas, todo dia, eu vejo gente, velha, nova, mulher, homem, criança, alta, baixa, gorda, magra, preta, branca, amarela... como eu, todas tão humanas quanto eu, sabe quantas me olham? Ninguém me ver... Lembro do dia em que um cara assaltou a linha em que eu estava, no comecinho quando vi a arma fiquei mecagando, tive muito medo, mas quando olhei pra cara dele percebi que ele me via, e apesar dele ficar dizendo que ia me mata, que não era pra eu olhar pra ele, que matava quem viesse se meter a herói, nos breves momentos em que pude ver seu rosto as mãos magras que carregavam aquele 38 que me mirava param de tremer. Fiquei pensando, parecia que ele sabia o que eu também sabia: eramos invisíveis e apenas um invisível pode reconhecer outro... Senão, precisa ter felicidade no amarelo da farda...

E após retirar parcialmente a mancha, abriu os braços, exibindo o corpo:

- Pareço mais feliz agora?

Doriana retirou-se calada para o quarto rosa, em que sempre passa o aniversário da filha, desde a morte de Clara.

O sangue para de correr, estanca no negrume do asfalto, ganhado agora uma coropaca sob a luz amarelada da rua, seca aos poucos. As sirenes da polícia se aproximam, o coro toma força “vamo pegar ele!!!”, os celulares sobem por sobre as cabeças curiosas, gravam mas não registram, alguns param em Sérgio, o rosto paralisado de pânico, segura forte o volante do ônibus, não conhecia bem o itinerário da linha, apesar de nunca ter precisado de dispensa médica, após problemas familiares, vinha tendo mais dificuldades desde manter o desempenho no trabalho... Por menores, que ficam para os noticiários e as marcações na ficha de funcionário da empresa, o que fica aqui agora é o sorriso sinistro que rasga o rosto inerte de Sérgio.

A cena: Um ônibus, uma rua, um corpo.

- Clara... agora eu sei...

